



# **Lição 07**

**O fim da liderança  
de Gideão e o  
governo de  
Abimeleque**

**16 de Agosto de 2026  
3º TRIMESTRE 2026  
JOVENS**

**Murilo Alencar**

# Esboço Da Lição 07

## Do 3º Trimestre

## De 2026

Por Murilo Alencar

### DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

### SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

**É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.**



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

**FIDELIDADE ÀS ESCRITURAS EM OPOSIÇÃO À APOSTASIA**  
*Lições Espirituais no Livro de Juízes*

Domingo, 16 de agosto de 2026

**O FIM DA LIDERANÇA DE GIDEÃO E O GOVERNO DE ABIMELEQUE**

Murilo Alencar<sup>1</sup>

**INTRODUÇÃO**

A vitória sobre os midianitas não encerrou a história de Gideão da maneira esperada. Embora tivesse sido levantado por Deus para libertar Israel e recusado formalmente o título de rei, ele passou a viver como um governante, acumulou riquezas, multiplicou mulheres e produziu um éfode que conduziu o povo à idolatria. As consequências dessas escolhas tornaram-se ainda mais evidentes depois de sua morte, quando Abimeleque matou os próprios irmãos e conquistou a posição de líder com o apoio dos homens de Siquém. Diante de uma liderança estabelecida pela ambição e pela violência, Jotão denunciou o pecado do povo e anunciou as consequências daquela decisão. Nesta lição, estudaremos os erros cometidos por Gideão no final de sua trajetória, o governo destruidor de Abimeleque e a advertência de Jotão. Aprenderemos que as vitórias do passado não substituem a nossa responsabilidade de vigiar no presente, pois o líder precisa permanecer fiel a Deus até o fim. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

**TEXTO PRINCIPAL – COMPARANDO TRADUÇÕES**

*Então todos os cidadãos de Siquém e de Bete-Milo reuniram-se ao lado do Carvalho, junto à coluna de Siquém, para coroar Abimeleque rei. (Jz 9.6, NVI).*

*Então todos os homens de Siquém e de Bete-Milo se reuniram na árvore sagrada de Siquém e ali fizeram de Abimeleque o seu rei.*

(Jz 9.6, NTLH).

A ascensão de Abimeleque contrasta com o chamado dos juízes anteriores. O Senhor não o levantou, o Espírito de Deus não veio sobre ele e nenhuma missão libertadora lhe foi confiada. Seu caminho até o trono foi marcado pela manipulação, pelo dinheiro retirado do templo de Baal-Berite e pelo assassinato de seus irmãos (Jz 9.1-6). Tanto o objetivo quanto os meios que ele utilizou eram reprováveis: ele buscou uma posição que Deus não lhe havia concedido e recorreu à violência para conquistá-la. Abimeleque recebeu a coroa que desejava, mas não recebeu a aprovação do Senhor. De que vale alcançar uma posição quando o caminho percorrido afronta a vontade de Deus?

A coroação de Abimeleque também revela a capacidade do coração humano de transformar desejos pecaminosos em projetos aparentemente legítimos. Podemos insistir em algo que Deus reprova, ignorar suas advertências e interpretar uma realização pessoal como sinal de aprovação divina. Por isso, precisamos vigiar para que a ambição, o orgulho e o desejo de poder não governem nossas escolhas. Nenhuma posição compensa a perda

<sup>1</sup>Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco. Além disso, idealizador do canal abra a jaula e da ferramenta ebd.

da comunhão com Deus, e nenhuma conquista merece ser celebrada quando foi obtida por caminhos que Ele condena.

## RESUMO DA LIÇÃO

*A liderança cristã deve ser exercida em constante vigilância, para que os líderes não sejam seduzidos pelo orgulho e pelo poder.*

Uma grande vitória não garante que o líder permanecerá fiel até o fim, pois o sucesso pode alterar a maneira como ele enxerga a si mesmo, a autoridade que recebeu e as pessoas que lidera. Vigiar, neste contexto, não significa viver desconfiado de todos, mas manter-se atento às próprias motivações, reconhecer os primeiros sinais de orgulho e examinar cada decisão tomada à luz da Palavra de Deus. Gideão declarou que o Senhor governaria Israel, porém fez exatamente o contrário, pois passou a viver como um rei.

Os desvios de um líder raramente ficam restritos a sua própria vida. Dentro de casa, suas atitudes ensinam aos filhos o que realmente possui valor. Na igreja, seu comportamento pode incentivar disputas, bajulação e abuso de autoridade. Abimeleque cresceu nesse ambiente de hipocrisia e o mal caráter de seu pai foi determinante para a formação de seu caráter perverso. O filho levou essa contradição às últimas consequências e conquistou o trono por meio da manipulação e da violência.

**Quem lidera, portanto, precisa cuidar de sua vida, de sua família e do exemplo que oferece aos seus liderados. A sobriedade, o exame pessoal e a disposição para receber correção protegem o líder contra a soberba e o uso indevido da autoridade (1Co 10.12; 1Pe 5.2,3).**



## 1. AS FALHAS NA LIDERANÇA DE GIDEÃO

**Pergunta chave:** Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

**Ideia central do ponto:** Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

### 1.1 Divergências internas e vingança.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**A LIÇÃO DIZ:** *Após a vitória na batalha e o início da perseguição aos reis midianitas Zeba e Salmuna (Jz 8.5), começaram a surgir tensões internas em Israel. Gideão teve de enfrentar a queixa da tribo de Efraim (v.1), que se sentiu preterida, bem como a falta de apoio e de gratidão pelos homens de Sucote e Penuel (Jz 8.5-9). Então, depois de capturar os reis inimigos, Gideão cumpriu o que havia prometido: puniu os líderes de Sucote, matando 77 de seus homens, e derrubou a torre de proteção de Penuel, em ação de vingança.*

No caso dos juízes anteriores, depois que Deus resgatava seu povo da opressão dos ídolos e dos inimigos, o único detalhe adicional mencionado é a duração da paz que os israelitas usufruíram sob a liderança daquele juiz em particular. No caso de Gideão, a coisa não é tão simples. Em geral, Israel está em uma espiral descendente. E duas situações novas ocorrem na carreira de Gideão: o povo começa a “abandonar a fé” durante a liderança de um juiz-salvador, e não depois; e existem profundas falhas na liderança do juiz-salvador. Portanto, em vez de recapitular em apenas um versículo a liderança de Gideão após a vitória, o escritor de Juízes lhe dedica mais dois capítulos inteiros (8-9).

Vamos ao texto bíblico para entender o desdobramento dessa história:

<sup>1</sup>Então os homens de Efraim disseram a Gideão: — Que é isto que você fez conosco, não nos chamando quando foi lutar contra os midianitas? E discutiram fortemente com ele. <sup>2</sup>Porém ele lhes disse: — Que mais fiz eu, agora, do que vocês? Não é fato que os poucos cachos de uvas deixados por Efraim são melhores do que toda a colheita de Abiezer? <sup>3</sup>Deus entregou nas mãos de vocês os príncipes dos midianitas, Orebe e Zeebe. O que pude eu fazer em comparação com o que vocês fizeram? Depois de ele dizer isto, abrandou-se a ira deles contra Gideão (Jz 8.1-3, NAA).

Efraim era uma das tribos mais poderosas de Israel, e Gideão pediu que ela interceptasse os midianitas em fuga (7.24,25). Contudo, a tribo de Efraim estava desgostosa com Gideão: “Por que não nos chamaste quando foste guerrear contra os midianitas?” (8.1, A21). A verdade é que talvez eles se negassem a marchar sob o comando de Gideão: Efraim era uma das tribos mais fortes nas áreas econômica e militar, e Gideão fazia parte da família mais pobre da tribo de Manassés (6.15).

A crítica de Efraim foi resultado da frustração que a tribo sentiu por não participar dos louros da vitória. Ironicamente, essa atitude revela duas verdades: primeiramente, que Deus estava corretíssimo ao dizer que Israel queria se gloriar contra ele e se vangloriar na vitória; e, em segundo lugar, que Efraim não teria respeitado nem se submetido ao juiz escolhido por Deus.

A resposta de Gideão a Efraim é respeitosa e diplomática. Ele enfatiza que a tribo de Efraim é muito mais poderosa do que sua tribo (8.2) e que (ao contrário dele) já havia capturado e matado dois líderes midianitas (v. 3). Deve ter sido difícil engolir o esnobismo e a crítica de Efraim, mas Gideão segura a língua. Desta forma, com o desejo de glória e louvor satisfeito, “acalmou-se a indignação deles contra Gideão” (v. 3).

A prudência demonstrada por Gideão diante dos efraimitas não se repetiu quando ele chegou a Sucote e Penuel, duas cidades israelitas situadas a leste do Jordão. Seus trezentos homens estavam exaustos, mas continuavam perseguindo Zeba e Salmuna (Jz 8.4). Gideão não pediu soldados nem armas; solicitou apenas pães para alimentar a tropa. Os líderes de Sucote recusaram o pedido porque os reis midianitas ainda não haviam sido capturados, e Penuel respondeu da mesma maneira (vv. 6-9).

O narrador não declara o que motivou essa recusa, mas o medo de uma represália parece uma explicação plausível. Se ajudassem Gideão e os reis escapassem, as duas cidades poderiam tornar-se alvo dos midianitas. Seus líderes preferiram proteger os próprios interesses e esperar que o resultado da batalha estivesse definido. A atitude dos homens destas cidades revelou oportunismo político, falta de solidariedade com seus irmãos e pouca confiança na campanha de Gideão. Queriam desfrutar da libertação, mas não estavam dispostos a correr os riscos necessários para alcançá-la.

Embora essa omissão merecesse reprovação, a reação de Gideão ultrapassou os limites de uma repreensão justa. Ele prometeu castigar os líderes de Sucote com espinhos do deserto e derrubar a torre de Penuel. Depois de capturar Zeba e Salmuna, retornou para cumprir suas ameaças. Um jovem de Sucote entregou os nomes dos 77 líderes e autoridades da cidade, que foram submetidos ao castigo anunciado. O texto, porém, não afirma que todos morreram. A morte é mencionada expressamente no caso dos homens de Penuel, depois que Gideão derrubou a torre da cidade (Jz 8.14-17).

Por fim, descobrimos a motivação pessoal de Gideão no interrogatório de Zeba e Salmuna. Ele perguntou sobre os homens que os dois reis haviam matado no monte Tabor e revelou que eram seus irmãos, filhos de sua própria mãe. Em seguida, declarou que os teria poupado caso seus parentes tivessem sido preservados (Jz 8.18,19). A perseguição, portanto, não estava mais relacionada somente com a segurança de Israel. A finalidade militar havia se misturado ao desejo de vingar o sangue de sua família.

Sobre esses acontecimentos, podemos destacar algumas verdades: Gideão precisou da paciência de Deus para vencer o medo tornou-se impaciente com os próprios compatriotas. O homem que recebeu sinais e confirmações antes de obedecer não ofereceu a mesma tolerância aos que hesitaram em ajudá-lo. O libertador levantado para proteger Israel passou a ferir israelitas. Enquanto o Senhor tratou Gideão com graça em suas fraquezas, Gideão tratou Sucote e Penuel sem misericórdia.

Esse episódio nos ensina a diferença entre correção e vingança. **A correção** identifica o erro, aplica uma medida proporcional e procura restaurar quem falhou. **A vingança** advém do orgulho ferido e pretende fazer o ofensor sofrer. Os líderes não podem usar o púlpito, o cargo ou sua influência para constranger quem os contrariou. Toda autoridade concedida por Deus permanece sujeita a sua Palavra. Quando alguém transforma uma ofensa pessoal em motivo para punir os outros, deixa de administrar a justiça e passa a defender a própria honra por meios inadequados.

## 1.2 As falhas de um líder.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**A LIÇÃO DIZ:** *Apesar de ser um grande libertador, Gideão cometeu falhas nos últimos anos de sua liderança. Depois de matar os reis midianitas (Jz 8.21), o povo de Israel lhe pediu que se tornasse seu rei, instituindo uma dinastia hereditária (Jz 8.22). Gideão recusou a proposta, afirmando que o Senhor é quem governaria sobre Israel (Jz 8.23). No entanto, suas atitudes posteriores não refletiram essa declaração.*

Por gratidão a Gideão pela grande vitória, mas sem compreender o propósito de Deus em canalizar a glória da vitória para Ele mesmo, e não para Gideão e seus trezentos soldados, convidam Gideão para estabelecer um reinado dinástico. Vejamos:

- Em primeiro lugar, um convite equivocado do povo (8.22). O povo atribuiu a retumbante vitória sobre os midianitas e aliados a Gideão, e não a Deus. Por isso, quis fazer dele um rei, instituindo uma monarquia dinástica, um regime hereditário, quando na verdade, o rei de Israel era o Senhor. O governo em Israel era, essencialmente, uma teocracia, não uma monarquia.
- Em segundo lugar, uma rejeição justificada do líder (8.23). Gideão consegue discernir o motivo por trás do pedido dos israelitas: eles querem ser governados por um homem, e não por Deus. Gideão declinou do convite por motivos puramente teológicos, justificando que não poderia tomar o lugar de Deus. Gideão argumentou que eles já tinham um rei e arrematou: “O Senhor vos dominará” (8.23; Sl 80.1; 99.1). Nas palavras de Timothy Keller, “os israelitas não precisam de um rei a quem obedecer; precisam obedecer ao Rei que já têm”.

Muitos homens, embora tenham tido uma carreira brilhante, não a concluíram bem. De fato, não é fácil terminar bem. Reis como Asa, Josafá, Uzias, Ezequias inobstante terem começado bem, não foram consistentes até o fim. Esse mesmo fato se aplica a Gideão.

Não há momento mais perigoso na vida do que depois de uma grande vitória. Gideão não conclui bem sua carreira e vacila depois de uma retumbante vitória. Talvez seja mais fácil honrar Deus mediante ação corajosa, sob a luz de uma emergência nacional, do que honrá-lo persistentemente no dia a dia, que exige um tipo diferente de coragem. Gideão passou pelo teste da adversidade com distinção, porém não foi bem-sucedido no teste da prosperidade.

Destacamos três aspectos que revelam o declínio de Gideão depois da vitória concedida por Deus:

Em primeiro lugar, o acúmulo de riquezas e a ostentação (Jz 8.24-26). Gideão pediu os brincos de ouro recolhidos como despojo e recebeu cerca de dezenove quilos do metal. Embora tivesse recusado o título de rei, passou a viver com riqueza e prestígio semelhantes aos de um monarca. Sua atitude contrasta com a de Abraão, que, depois de vencer uma batalha, recusou os bens oferecidos pelo rei de Sodoma para que a glória de sua prosperidade pertencesse somente ao Senhor (Gn 14.21-23).

Em segundo lugar, a adulteração do culto ao Senhor (Jz 8.27). Com parte do ouro recebido, Gideão fez um éfode e o colocou em Ofra. Ele não era sacerdote, e sua cidade não havia sido escolhida por Deus como lugar de culto. O objeto, talvez produzido como lembrança da vitória, tornou-se motivo de idolatria e um laço para Gideão, sua família e todo o Israel. Sua atitude recorda o erro de Arão, que utilizou os brincos do povo para fazer o bezerro de ouro (Êx 32). O libertador que deveria conduzir Israel ao Senhor acabou oferecendo ao povo uma nova ocasião para se afastar dele.

Em terceiro lugar, uma paz sem renovação espiritual (Jz 8.28). A derrota dos midianitas trouxe quarenta anos de descanso, durante os quais Israel ficou livre das invasões e da exploração econômica. **A paz, entretanto, limitou-se às condições externas, pois o povo não abandonou seus ídolos nem voltou a servir fielmente ao Senhor.** Houve libertação militar, mas não uma reforma espiritual duradoura. Depois desse período, o livro de Juízes não volta a mencionar descanso para a terra; em seu lugar, descreve a crescente desintegração de um povo que recebia os livramentos de Deus, mas persistia na apostasia.

### 1.3 Os perigos da liderança.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**A LIÇÃO DIZ:** *Gideão foi usado por Deus de maneira poderosa, mas suas escolhas finais revelam os perigos do orgulho, da centralização de poder e da negligência espiritual. A Bíblia faz questão de registrar tanto os acertos quanto os erros dos libertadores usados por Deus, a fim de demonstrar que não eram perfeitos e isentos de falhas.*

Os dois subpontos parecem tratar do mesmo assunto, mas há uma diferença importante entre eles. Para compreendê-la, precisamos observar com atenção o que cada proposição afirma: as falhas são erros que o líder já cometeu; os perigos são condições, desejos ou circunstâncias que podem levá-lo ao erro.

A liderança amplia o alcance tanto das virtudes quanto dos pecados de quem lidera. Por isso, a Bíblia não esconde as fraquezas de seus personagens. Gideão foi usado pelo Senhor para libertar Israel, mas continuou sujeito ao orgulho, à vaidade e às demais inclinações pecaminosas do coração humano. Seu exemplo demonstra que nenhuma experiência com Deus torna alguém imune ao pecado ou dispensa o cuidado permanente com o próprio coração.

Destacamos cinco perigos relacionados à liderança:

Em primeiro lugar, o perigo do sucesso. Gideão enfrentou a opressão e a guerra em completa dependência de Deus, mas vacilou depois de alcançar a vitória. A prosperidade pode criar no líder a falsa impressão de que ele já não precisa ouvir conselhos, rever decisões ou reconhecer suas limitações.

Em segundo lugar, o perigo do reconhecimento popular. Depois da derrota dos midianitas, o povo declarou que Gideão havia libertado Israel e ofereceu-lhe o governo da nação (Jz 8.22). A admiração das pessoas pode despertar no líder o desejo de ser elogiado, consultado e honrado. O servo de Deus precisa saber receber uma palavra de gratidão sem tomar para si a glória que pertence ao Senhor.

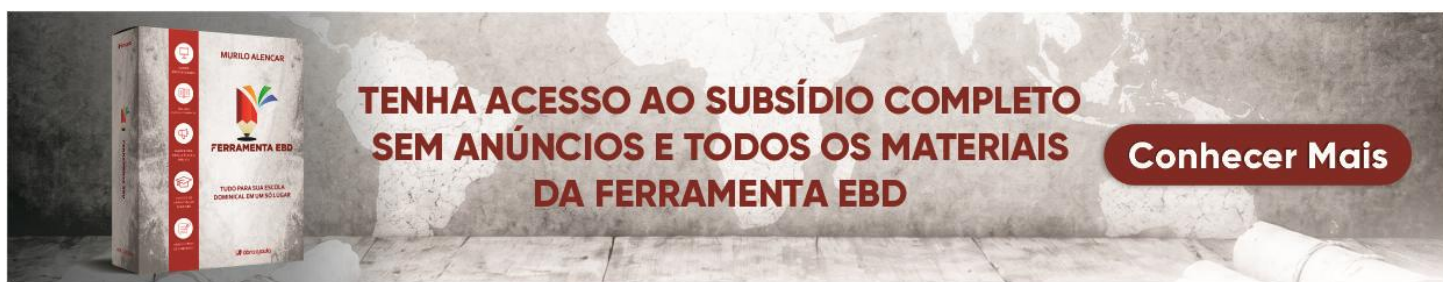
Em terceiro lugar, o perigo da centralização do poder. Gideão reuniu prestígio militar, riqueza, influência religiosa e uma posição semelhante à de um rei. A concentração de autoridade nas mãos de uma pessoa enfraquece a prestação de contas e favorece decisões arbitrárias. Nenhum líder é dono da igreja, das pessoas ou do ministério que recebeu. A liderança cristã deve ser exercida pelo exemplo, e não pelo domínio sobre aqueles que Deus confiou aos seus cuidados (1 Pe 5.3).

Em quarto lugar, o perigo da ganância. Depois da vitória, Gideão pediu parte do ouro recolhido dos midianitas e acumulou grande riqueza (Jz 8.24-26). O sustento legítimo de quem trabalha na obra de Deus não deve ser confundido com a utilização do ministério para obter dinheiro, privilégios ou vantagens pessoais. Pedro advertiu os líderes da igreja a servirem sem ganância, com disposição voluntária (1 Pe 5.2). Quem transforma influência espiritual em fonte de enriquecimento deixa de tratar o ministério como serviço e passa a tratá-lo como negócio.

Em quinto lugar, o perigo da negligência espiritual. Israel desfrutou de quarenta anos de paz, mas não experimentou uma renovação espiritual duradoura. O líder pode ficar tão ocupado com resultados, projetos e reconhecimento que deixa de cuidar de sua comunhão com Deus, de seu caráter e de sua família. Depois da morte de Gideão, Israel voltou rapidamente aos baalins, esqueceu-se de Deus e demonstrou que a libertação militar não havia transformado o coração do povo (Jz 8.33,34).

**Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 1):**

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



## 2. ABIMELEQUE, UM LÍDER SEM CHAMADO DIVINO

**Pergunta chave:** Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

**Ideia central do ponto:** Desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

### 2.1 Um homem ambicioso.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**A LIÇÃO DIZ:** *Com a morte de Gideão, seu filho Abimeleque tenta assumir o poder pela força. O significado do seu nome, “meu pai é rei”, sugere que, embora Gideão tenha recusado o título de rei (Jz 8.23), nutria, talvez, em seu coração, uma inclinação monárquica, refletida em suas atitudes finais. Agora, Abimeleque faz de tudo para se tornar governante. Diferente dos juízes anteriores, que foram chamados e capacitados por Deus para libertar Israel, Abimeleque não foi levantado pelo Senhor, nem buscava o bem do povo.*

A história de Abimeleque representa uma mudança abrupta e importante no livro de Juízes. Nos relatos anteriores, Israel era oprimido por uma nação estrangeira, clamava ao Senhor e recebia um libertador levantado por Deus. No capítulo 9, porém, não há opressor estrangeiro, clamor do povo, chamado divino nem capacitação pelo Espírito. Abimeleque apresenta a si mesmo como candidato ao governo e inicia uma campanha para conquistar o poder. Ele não foi chamado para libertar Israel; levantou-se por iniciativa própria para governá-lo.

A ambição pode ser definida como o desejo intenso de alcançar determinada posição ou realização. Nem toda aspiração é pecaminosa, pois Paulo afirma que aquele que deseja o episcopado aspira a uma excelente obra (1Tm 3.1). O problema é quando alguém deseja o cargo, mas não a obra; procura ter autoridade, mas rejeita o serviço; quer ser reconhecido, embora não tenha sido chamado. A ambição de Abimeleque não surgiu do interesse pelo bem de Israel, mas do desejo de ocupar a posição que julgava merecer.

Destacamos três aspectos que revelam a ambição de Abimeleque:

Em primeiro lugar, um nome associado à realeza (Jz 8.31). Abimeleque era filho de Gideão com uma concubina que vivia em Siquém. Seu nome significa “meu pai é rei” e pode ser entendido como uma referência a Gideão ou, em sentido religioso, à divindade. O texto não permite afirmar com certeza qual dessas ideias estava presente quando ele recebeu o nome. Dentro da narrativa, contudo, há uma ironia bem evidente: Gideão declarou que não seria rei, mas seu filho carregava um nome ligado à realeza e procurou transformá-lo em realidade.

Em segundo lugar, uma liderança sem chamado divino (Jz 9.1,2). O Senhor levantou Otniel, capacitou Eúde, chamou Gideão e concedeu seu Espírito aos libertadores de Israel. Nenhuma dessas ações aparece na história de Abimeleque. Deus não o chamou, não lhe entregou uma missão nem o capacitou para libertar o povo. Toda a iniciativa partiu dele. Por essa razão, o texto nunca o apresenta como juiz. Depois de sua morte, Tolá é descrito como aquele que “se levantou para livrar Israel” (Jz 10.1). A expressão retoma a atuação dos libertadores legítimos e deixa Abimeleque fora dessa sucessão.

Em terceiro lugar, uma autoridade procurada para benefício próprio (Jz 9.1,2). Abimeleque não apresentou aos siquemitas qualquer proposta de libertação, justiça ou restauração espiritual. Seu argumento estava concentrado em uma única questão: quem deveria governar. A morte de Gideão não deixou um trono desocupado, pois a função dos juízes não era hereditária. Mesmo assim, Abimeleque tratou os próprios irmãos como concorrentes e apresentou sua ascensão como a escolha mais vantajosa para Siquém.

A liderança conforme a vontade de Deus não começa com a procura desenfreada por títulos, mas com a disposição para servir. O chamado de Deus deve ser acompanhado de um caráter aprovado, capacidade para servir e reconhecimento da igreja. Abimeleque conquistou a posição que desejava, mas nunca recebeu a aprovação divina. Sua história demonstra que ocupar um lugar de autoridade não significa ter sido chamado ou aprovado por Deus.

## 2.2 Um homem manipulador.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**A LIÇÃO DIZ:** *Observe a estratégia de tomada de poder do falso líder: Discurso conveniente; Apoio financeiro da falsa religião; Recrutamento de desordeiros.*

Manipular, de forma genérica e resumida, significa conduzir alguém a determinada decisão por meio da distorção dos fatos, da ocultação de informações ou da exploração de seus sentimentos e interesses. Por outro lado, entendemos que a persuasão legítima apresenta razões que podem ser examinadas.

A estratégia utilizada por Abimeleque, como aponta o texto bíblico e o comentarista da lição se deu em três etapas: primeiro, ele produziu uma narrativa favorável a si mesmo; depois, conseguiu dinheiro para financiar seu projeto; por fim, contratou homens que lhe deram força para executá-lo. Vejamos:

Em primeiro lugar, um discurso baseado em uma falsa escolha (Jz 9.1-3). Abimeleque procurou os irmãos de sua mãe e pediu que apresentassem sua proposta aos líderes de Siquém. Seu argumento oferecia duas opções: o governo dos setenta filhos de Gideão ou o governo de um único homem. O texto, entretanto, não afirma que os setenta irmãos governavam Israel ou planejavam estabelecer uma administração conjunta. Abimeleque criou uma ameaça para apresentar-se como solução. Depois, apelou aos vínculos familiares, lembrando aos siquemitas que era “osso e carne” deles. Sua origem materna foi colocada acima do caráter, da capacidade e do chamado. Os líderes da cidade aderiram à proposta porque concluíram: “É nosso irmão” (Jz 9.3).

Em segundo lugar, um projeto financiado pela idolatria (Jz 9.4). Os líderes de Siquém entregaram a Abimeleque setenta peças de prata retiradas do templo de Baal-Berite. O nome Baal-Berite (um deus fílisteu) significa “senhor da aliança”. Há uma profunda ironia nessa informação: os siquemitas quebraram a lealdade devida à família de Gideão e financiaram sua traição com recursos pertencentes a uma divindade chamada “senhor da aliança”. Os templos antigos também funcionavam como centros econômicos e guardavam ofertas, presentes e outras riquezas. Abimeleque encontrou na falsa religião os recursos necessários para sua campanha. Quando a religião abandona a verdade, seus recursos podem ser colocados a serviço da injustiça.

Em terceiro lugar, o recrutamento de seguidores sem escrúpulos (Jz 9.4). O dinheiro recebido foi utilizado para contratar homens descritos como **“levianos e atrevidos”**. Os termos empregados pelo narrador apresentam pessoas moralmente vazias, imprudentes e disponíveis para qualquer empreendimento que lhes proporcionasse alguma vantagem. Eles seguiram Abimeleque porque foram pagos, e não porque reconhecessem nele um chamado legítimo. A qualidade dos seguidores escolhidos revela muito sobre a liderança: quem pretende executar planos desonestos procura pessoas que não façam perguntas e que coloquem o lucro acima da consciência.

Os líderes de Siquém não foram vítimas inocentes da manipulação de Abimeleque. Eles ouviram sua proposta, aceitaram seu apelo familiar e financiaram conscientemente sua campanha. O manipulador, geralmente, encontra apoio quando as pessoas preferem vantagens pessoais a verdade. Pedro advertiu que falsos mestres, movidos pela avareza, explorariam seus ouvintes com palavras inventadas (2 Pe 2.3). O método continua o mesmo: adaptar o discurso aos interesses do público e transformar pessoas em instrumentos de um projeto pessoal.

A liderança conforme a vontade de Deus e os princípios estabelecidos em sua Palavra deve ser exercida com verdade, transparência e responsabilidade. Um líder manipulador apresenta informações parciais, pressiona emocionalmente as pessoas, compra lealdades com favores e utiliza o nome de Deus em vão para legitimar suas decisões. O servo de Deus, porém, não precisa fabricar ameaças, silenciar perguntas ou reunir seguidores submissos aos seus interesses. Seu compromisso é falar a verdade, agir com integridade e conduzir as pessoas segundo a vontade do Senhor.

### 2.3 Um homem destruidor.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**A LIÇÃO DIZ:** *O primeiro ato de Abimeleque foi assassinar seus setenta meios-irmãos, com exceção de Jotão, que conseguiu escapar (Jz 9.5). Seu objetivo era eliminar qualquer possível concorrente ao poder, garantindo para si uma liderança absoluta.*

A trajetória de Abimeleque apresenta uma sequência progressiva. A ambição determinou o que ele desejava; a manipulação forneceu os meios para conseguir apoio; a destruição retirou de seu caminho aqueles que poderiam contestá-lo.

Abimeleque liderou seus mercenários no assassinato de 69 dos 70 filhos de Jerubaal. Com sua equipe de assassinos seguindo-o de perto, Abimeleque viajou 48 quilômetros de Siquém ao norte até Ofra, capital de Jerubaal, onde encontraram seus meios-irmãos. O narrador retrata a localização específica do crime como “sobre uma rocha”, uma expressão cujo significado e relevância são incertos. Alguns têm visto na ação de Abimeleque uma perversão deliberada do sistema de culto yahwista, mas o acontecimento ocorre em Ofra, um centro de culto pagão (8.27). A indicação mais proveitosa vem de 1Samuel 14.33-34, em que Saul solicita uma pedra de abatedouro (= matadouro) sobre a qual mata todos os bois e ovelhas que seus homens haviam preservado após a derrota dos amalequitas. Presumindo um uso semelhante da rocha, todos os filhos de Gideão poderiam ter sido mortos “sobre uma rocha” matando-os em série, um após outro. Esse foi um ato brutal e programado de assassinato, não uma matança rápida de vítimas desprevenidas.

Ao tentar estabelecer a relevância desses acontecimentos, pode-se comparar esse relato com o relatório da matança dos filhos de Acabe por Jeú em 2Reis 10. Os paralelos entre os dois acontecimentos relatados são notáveis. Em ambos os casos (1) os pais, Gideão e Acabe, governaram de modo prepotente, assassinando seus próprios compatriotas e oficialmente patrocinaram cultos pagãos; (2) o número de filhos é explicitamente declarado como setenta; (3) a conspiração contra os filhos é liderada por um indivíduo ambicioso (Abimeleque, Jeú); (4) o líder é alguém de fora que consegue o apoio da aristocracia da cidade por meio de negociação; (5) os setenta filhos do rei são brutalmente assassinados; (6) o líder da conspiração é alguém de fora que é publicamente aclamado rei.

Embora esses paralelos sejam impressionantes, as diferenças são marcantes, particularmente nos fatores impulsionadores por trás dos dois massacres. O narrador do livro de Reis se esforça por caracterizar Jeú como o agente especialmente ungido para o juízo de Yahweh sobre Acabe, mas Abimeleque parece agir por conta própria e ser impulsionado pela ambição pessoal nua e crua. O narrador de Juízes evidentemente expressa repulsa pela forma como Jerubaal e sua família foram tratados (8.34-35; 9.24). No entanto, diante das conexões entre os dois relatos, suspeita-se que em sua mente Abimeleque inconscientemente também atua como agente do juízo de Yahweh sobre a casa de Gideão.

O caráter destruidor de um líder nem sempre se manifesta por meio de violência física. Há líderes que ferem reputações, rompem relacionamentos, afastam pessoas competentes e tratam qualquer questionamento como rebeldia. Diótrefes, por exemplo, amava exercer a primazia, rejeitava a autoridade apostólica e expulsava da igreja aqueles que recebiam os irmãos (3 Jo 9,10). O desejo de ocupar o primeiro lugar produziu divisão e abuso de autoridade.

A liderança ensinada por Jesus segue a direção oposta. Os governantes das nações exerciam domínio sobre seus súditos, mas os discípulos deveriam servir uns aos outros (Mc 10.42-45). Quem recebeu autoridade de Deus

não precisa destruir pessoas para proteger sua posição. O verdadeiro líder corrige sem humilhar, ouve sem considerar toda discordância uma ameaça e utiliza sua influência para edificar.

**Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 2):**

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



### 3. A PARÁBOLA DE JOTÃO E O FIM DE ABIMELEQUE

**Pergunta chave:** Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

**Ideia central do ponto:** Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

#### 3.1 O “rei espinheiro”.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**A LIÇÃO DIZ:** *Após remover seus possíveis concorrentes, os cidadãos de Siquém e Bete-Milo proclamam Abimeleque como rei (Jz 9.6), porém, não de todo o Israel, pois a monarquia ainda não havia sido instituída. Essa ação mostrava o desejo do povo, fora da orientação divina, de ter um rei. Nessa ocasião, Jotão, o filho de Gideão que sobreviveu ao massacre, proclama uma parábola que denuncia a coroação de Abimeleque (Jz 9.7-15).*

Jotão não possuía exército, recursos ou posição política para enfrentar Abimeleque. Sua arma era a palavra. Do alto do monte Gerizim, ele pediu que os líderes de Siquém o escutassem e apresentou uma denúncia contra a coroação de seu irmão (Jz 9.7). Gerizim era conhecido como o monte da bênção, pois seis tribos de Israel haviam sido colocadas ali durante a cerimônia de renovação da aliança (Dt 11.29; 27.12; Js 8.33). Agora, daquele mesmo lugar, Jotão expunha a infidelidade de homens que haviam desprezado a aliança e apoiado um governante criminoso.

A história contada por Jotão é mais precisamente classificada como uma fábula. A fábula é uma narrativa breve na qual animais, plantas ou objetos recebem características humanas para comunicar uma lição. Em Juízes 9.8-15 contém a primeira fábula registrada nas Escrituras. As árvores conversam, tomam decisões e procuram alguém que reine sobre elas. Por trás dessa linguagem figurada, Jotão descreve a insensatez dos siquemitas ao escolherem Abimeleque como governante.

Conforme Lopes (2024) essa parábola ensina-nos quatro verdades:

- Primeira, uma omissão perigosa. A oliveira, a figueira e a videira receberam um apelo de todas as árvores para que reinassem sobre elas, mas cada uma deu uma desculpa para fugir da governança. As árvores

frutíferas e úteis foram consultadas para esse posto de liderança, e todas elas se omitiram. Preferiram o conforto de sua posição do que os riscos da liderança. Ao recusarem a convocação, abriram espaço para o espinheiro governar. A omissão covarde dessas árvores boas pavimentaram o caminho para a liderança de um arbusto ruim. Quando os bons se omitem, os maus governam. É triste ser governado por um espinheiro. Um espinheiro não produz coisa alguma a não ser sofrimento. Onde o espinheiro reina, as pessoas sofrem e sangram.

- Segunda, uma desculpa descabida. A oliveira declinou de sua convocação para o reinado, dizendo que não podia parar a produção do seu óleo, prezado por Deus e pelos homens. A figueira renunciou ao privilégio do convite, argumentando que sua doçura e seu bom fruto eram motivos suficientes para continuar existindo e que não tinha aspirações mais elevadas. Já a videira justificou sua negativa à honrosa convocação, dizendo que o seu papel era produzir vinho, pois este é agradável a Deus e aos homens. Nenhuma árvore boa aceitou o convite para reinar. Todas declinaram. As desculpas apresentadas pareciam plausíveis, mas na verdade eram descabidas. A omissão delas pavimentou o caminho para o espinheiro assumir o trono e trazer tanto sofrimento.
- Terceira, uma opção desastrosa. As árvores depois de inúteis todos os esforços de buscar um rei, recebendo reiteradas negativas ao seu apelo, recorrem ao espinheiro, convocando-o a reinar sobre elas. No entanto, espinheiro não é árvore; não é plantado; não produz frutos. Espinheiro acicata os pés, fere as mãos, produzindo desconforto e sofrimento. Quando os bons renunciam à liderança, os maus passam a governar. Quando aqueles que podem ser úteis para seus irmãos renunciam ao seu privilégio, abrem caminho para os espinheiros assumirem o governo. É uma tragédia ser governado por um espinheiro.
- Quarta, uma ameaça mortal. O espinheiro não deu desculpa. Aceitou prontamente o convite para ser rei. Fez uma convocação para todas as árvores ficarem debaixo de sua sombra, promessa essa que não podia cumprir, e engatou uma ameaça. Quem não vier será consumido pelo fogo. O espinheiro governa com ameaça e truculência. Não aceita oposição. Não tolera o contraditório. Seu governo é ditatorial. A única alternativa de seus súditos é a obediência cega. Submete-se ou morre!

### 3.2 Os conflitos do reino.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**A LIÇÃO DIZ:** *A Bíblia afirma que “tudo o que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6.7). O mesmo Abimeleque que alcançou o poder por meios cruéis e traiçoeiros acabou recebendo na mesma moeda. Após três anos de governo, Deus enviou um “mau espírito” entre Abimeleque e os líderes de Siquém (Jz 9.22), gerando desunião e hostilidade. Isso significa que o Senhor conduziu os acontecimentos para cumprir o seu juízo sobre o governante tirano. Assim, aqueles mesmos homens que o haviam colocado no trono agora tramavam a sua queda.*

Jotão havia anunciado que Abimeleque e os líderes de Siquém acabariam voltando-se uns contra os outros (Jz 9.20). Durante três anos, porém, nada aconteceu. O governo de Abimeleque parecia consolidado, os culpados permaneciam seguros e a palavra de Jotão poderia parecer esquecida. O silêncio de Deus, contudo, não significava indiferença ou aprovação. No tempo determinado, o Senhor interveio para julgar o sangue derramado pelos filhos de Gideão e a cumplicidade dos líderes de Siquém. Abimeleque e seus antigos aliados passaram, então, a sofrer as consequências da violência que haviam praticado juntos.

Vejamos:

Em primeiro lugar, um juízo conduzido por Deus (Jz 9.22-24). O narrador declara que Deus enviou um “mau espírito” entre Abimeleque e os líderes de Siquém. A expressão hebraica pode ser traduzida como “espírito mau”, “espírito de aversão” ou “espírito calamitoso”. Alguns intérpretes entendem que se trata de um agente espiritual; outros consideram que a expressão descreve uma disposição de hostilidade e desconfiança. O texto não fornece detalhes suficientes para resolver a questão. No entanto, seu propósito está explícito: Deus conduziu os acontecimentos para julgar Abimeleque e os siquemitas pelo mal praticado contra a família de Gideão.

Em segundo lugar, a traição dos antigos aliados (Jz 9.23-25). Os líderes de Siquém passaram a agir deslealmente contra o homem que haviam proclamado rei. Colocaram pessoas de emboscada nos montes próximos à cidade e ameaçaram aqueles que transitavam pelas estradas. Além de causar insegurança, a ação provavelmente prejudicava o comércio da região e enfraquecia a autoridade de Abimeleque. O governante que prometera proteção já não conseguia garantir segurança nas rotas próximas de onde governava. Os siquemitas haviam traído a família de Gideão para apoiar Abimeleque; agora, empregavam contra ele a mesma deslealdade.

Em terceiro lugar, o surgimento de outro homem ambicioso (Jz 9.26-29). Gaal chegou a Siquém acompanhado de seus irmãos e conquistou a confiança dos líderes da cidade. Durante uma celebração realizada no templo de sua divindade, os siquemitas passaram a amaldiçoar Abimeleque. Gaal aproveitou a insatisfação do povo e apelou novamente para o orgulho étnico da cidade. Ele apresentou Abimeleque como filho de Gideão, um homem de fora, e defendeu que os siquemitas deveriam seguir os descendentes de Hamor, antigo fundador da cidade. O mesmo argumento de parentesco utilizado por Abimeleque para chegar ao poder foi empregado por Gaal para tentar removê-lo.

Tiago afirma que, onde existem inveja e ambição egoísta, surgem desordem e toda espécie de práticas ruins (Tg 3.16). Siquém tornou-se a demonstração histórica desse princípio.

### 3.3 O trágico fim de Abimeleque.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**A LIÇÃO DIZ:** *Embora Abimeleque tenha conseguido conter inicialmente a conspiração, sua vitória foi breve. Ao enfrentar a rebelião em Tebes (Jz 9.50), ele conduziu o ataque para conquistar uma fortificada torre da cidade. Durante sua tentativa de conquistar a torre, ele se aproximou dos defensores que estavam no alto da fortificação e uma mulher lançou sobre a sua cabeça uma pedra de moinho, fraturando-lhe o crânio. Gravemente ferido, o falso rei pediu ao seu ajudante de armas que o matasse, para que não fosse lembrado como alguém morto pelas mãos de uma mulher. Com sua morte, seus seguidores dispersaram-se e voltaram para suas casas.*

Você consegue perceber como o arco da história de Gideão nos conduz de uma grande conquista a sucessivas tragédias? Essa é a triste realidade que o escritor de Juízes quer nos mostrar apontando o que acontece com aqueles que abandonam o Senhor.

A primeira parte da fábula cumpriu-se quando Abimeleque se voltou contra os homens que o haviam colocado no poder. Depois de derrotar Gaal, ele atacou Siquém, destruiu a cidade e semeou sal sobre ela, um gesto

que simbolizava sua condenação à desolação (Jz 9.42-45). Em seguida, o refúgio dos líderes da cidade foi destruído pelo fogo (Jz 9.46-49). O fogo anunciado pelo espinheiro alcançou as árvores que haviam procurado sua sombra.

A seguir, destacarei quatro aspectos importantes do fim de Abimeleque:

Em primeiro lugar, uma vitória que alimentou a presunção (Jz 9.42-50). O sucesso obtido em Siquém fez Abimeleque acreditar que poderia repetir o mesmo resultado em qualquer cidade. O orgulho costuma interpretar um êxito temporário como garantia de invencibilidade.

Em segundo lugar, uma estratégia que não funcionou novamente (Jz 9.51-54). A torre de Tebes parecia oferecer a Abimeleque a oportunidade de repetir o que havia feito em Siquém. Quando se aproximou da fortificação, porém, uma mulher lançou do alto uma pedra de moinho e interrompeu seu avanço. Abimeleque havia chegado ao poder eliminando seus irmãos sobre uma pedra; agora, outra pedra participava de sua derrota. A correspondência demonstra a justiça irônica que percorre toda a narrativa: o governante que se considerava invencível foi vencido de uma maneira que jamais havia previsto. Ele procurou tornar seu nome conhecido como rei, mas sua campanha foi encerrada pela ação de alguém cujo nome não foi registrado. Séculos depois, o acontecimento ainda era lembrado em Israel como advertência militar (2 Sm 11.21).

Em terceiro lugar, a fragilidade de uma liderança sustentada pelo medo (Jz 9.55). Depois da morte de Abimeleque, seus seguidores abandonaram o conflito e voltaram para suas casas. Não havia uma causa legítima, um compromisso com o povo ou uma missão dada por Deus que os mantivesse unidos. O grupo permanecia junto enquanto seu líder oferecia pagamento, poder e possibilidade de vitória. Quando ele morreu, seu projeto também terminou. A liderança construída sobre medo e interesse produz seguidores temporários, não pessoas verdadeiramente leais.

Em quarto lugar, o veredito do próprio narrador (Jz 9.56,57). O escritor bíblico declara que Deus fez recair sobre Abimeleque o mal praticado contra a família de Gideão e fez voltar sobre os homens de Siquém a maldade que haviam cometido. A maldição pronunciada por Jotão cumpriu-se nas duas direções: Abimeleque destruiu seus antigos aliados, e a revolta iniciada em Siquém conduziu o governante à ruína. Todos os participantes daquela aliança receberam as consequências de suas escolhas.

### Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 3):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



## CONCLUSÃO

Agradecemos a Deus pela oportunidade de concluirmos mais uma pré-aula. Nesta lição, aprendemos que Gideão não findou bem sua liderança e que Abimeleque buscou o governo e a liderança sem um chamado divino. Sua história nos advertiu sobre os perigos do orgulho, da ambição, da manipulação e do abuso de autoridade. Que o Senhor nos ajude a servir com humildade, fidelidade e temor, lembrando que toda liderança deve estar submetida a sua vontade, Palavra e exemplo. Esperamos você na próxima pré-aula, em nome de Jesus. Deus abençoe. Amém.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BLOCK, Daniel I. **Juízes e Rute**: comentário exegético. Tradução: Arthur Wesley Dück. São Paulo: Vida Nova, 2024.

LOPES, Hernandes Dias. **Juízes**: pecado e graça. São Paulo: Hagnos, 2024. (Comentários Expositivos Hagnos).

KELLER, Timothy. **Juízes para você**. Tradução: Eulália Pacheco Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2016.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. Tradução: Noemi Valéria Altoé da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2018.

MERRILL, Eugene H.; ROOKER, Mark F.; GRISANTI, Michael A. **Introdução ao Antigo Testamento** [livro eletrônico]: o mundo e a palavra. Prefácio: Edwin Yamauchi. Tradução: A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2025.

BODA, Mark J. Judges. In: LONGMAN III, Tremper; GARLAND, David E. (Ed.). **The expositor's Bible commentary**. Rev. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2012.

YOUNGER JR., K. Lawson. **Judges, Ruth**. Grand Rapids: Zondervan, 2002. (The NIV Application Commentary).